

Abastecimento

Estoque mundiais de alimentos em baixa

SEM MANIFESTAR sinais de fraqueza e de reversão, prossegue a disparada dos preços internacionais de grãos, que começou em outubro de 2006, com a febre do etanol nos Estados Unidos. Em relação ao início deste ano, eles entrarão mais elevados em 2008. O mercado aposta nessa tendência e deixa em segundo plano o refluxo dos investimentos na produção norte americana de etanol de milho.

Se o biocombustível é um elemento de forte influência para a subida dos preços dos grãos, um outro fator que pesa bastante é a demanda emergente da Ásia, principalmente a China, não apenas em quantidade mas, também, em qualidade.

Em seu relatório, publicado em outubro último, a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) alerta para a alta dos preços de grãos, como geradora de tensões sociais e até de violência nos países mais pobres.

A entidade destaca o aumento na conta dos países importadores de alimentos, de 14% neste ano em relação a 2006, na compra de produtos agrícolas. No total, os países em desenvolvimento gastarão o valor recorde de US\$ 52 bilhões na importação de cereais em 2007.

Para a FAO, os estoques de cereais continuarão baixos nos próximos anos. A situação é preocupante. O consumo de cereais no mundo aumentará em 2%, para 2,1 bilhões de toneladas, enquanto os estoques, de 143 milhões de toneladas, estão nos níveis mais baixos dos últimos 25 anos.

O etanol seria responsável por 75% desse crescimento. Entre 2006 e 2007, o uso industrial de cereais para a produção de etanol deve aumentar em 9%. Já

a alta no consumo de alimentos deve ser de 1% e uma inflação nos preços deve até gerar uma queda no consumo em alguns países.

Nem mesmo a previsão de uma produção recorde de cereais no mundo este ano, de 2,11 bilhões de toneladas, deve resolver os problemas. Esse volume apenas responderá à demanda internacional e os estoques continuarão baixos. O comércio internacional também deverá ser afetado negativamente.

Uma das explicações é a safra decepcionante na Europa. A produção foi a pior desde 2003. Romênia e Bulgária, tradicionais produtores, tiveram uma redução na safra de trigo de 35% e 45%. Para tentar frear a inflação, os europeus liberaram a importação de trigo.

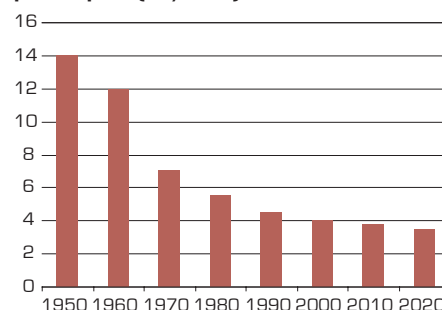
Começam as reações

Nos países andinos, os altos preços dos alimentos geram encarecimentos, como no valor do pão. Vários governos tomaram medidas para tentar controlar o preço. Na Bolívia, o Exército operou moinhos para produzir pão. Na Ásia e no Oriente Médio, a FAO lembra que protestos e manifestações violentas foram registrados após o aumento dos preços. A situação, porém, poderá piorar nos próximos meses.

A Argentina propõe debater a introdução de uma tarifa de exportação para produtos agrícolas para todo o Mercosul. O Brasil foi sempre contrário à idéia. Com a alta nos preços das *commodities*, um número cada vez maior de países sinaliza que poderia introduzir a taxa.

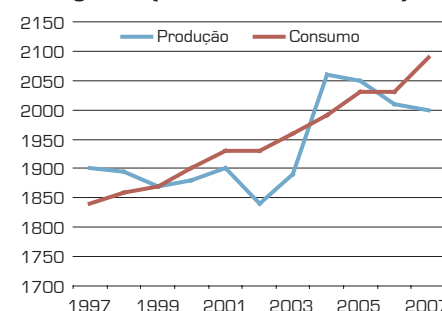
Na Organização Mundial do Comércio (OMC), essa prática não é considerada uma solução, pois a alta nos preços deve ser algo

Mundo: área agricultável per capita (ha/hab)



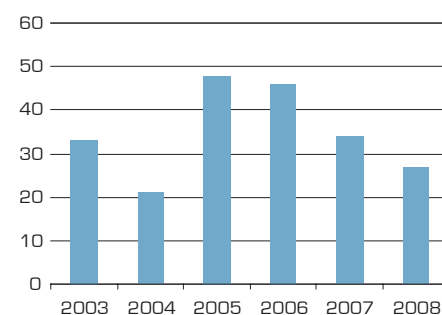
Fonte: FAO

Mundo: balanço da produção e consumo de cereais e grãos forrageiros (milhões de toneladas)



Fonte: FAO

Mundo: relação entre estoque e consumo (%)



Fonte: FAO

de longo prazo, e a tarifa, portanto, teria de se perpetuar para apresentar resultado.

A taxa às exportações objetiva evitar uma exportação excessiva da safra, o que poderia deixar o mercado interno desabastecido, e os preços dos alimentos elevados. A situação do mercado internacional é um estímulo às exportações. Há um excesso de demanda e não há carne, grãos ou lácteos em volumes suficientes.

Enquanto isso, o governo brasileiro deve priorizar as negociações na Organização

Mundial do Comércio (OMC). Diante da alta nos preços de alimentos, esse seria o melhor momento para reformar as políticas dos países ricos e abrir mercados. Existe um descontentamento com a demora dos americanos em apresentar os recursos distribuídos aos seus produtores de 2002 a 2005. O atraso é superior a cinco anos. O ideal é a criação de um mecanismo para avaliar, todos os anos, esses números.

Entre as posições da Argentina e do Brasil, existem diferenças no tempo das negociações e nos preços de *commodities*. Os negociadores não tomam decisões baseados em algo que passe em seis meses, um ano ou nem mesmo cinco anos.

Com medo da escalada da inflação, o governo da China estuda estender, para todo o ano de 2008, uma redução na tarifa de importação sobre a soja em grão (de 3% para 1%), que venceria ao fim de dezembro. Além disso, o governo chinês pensa em reduzir também a tarifa de importação de óleo de soja e isentar os dois produtos do imposto de valor agregado no país.

As medidas vão beneficiar os exportadores de soja do Brasil, e a Bolsa de Chicago já refletiu isso, com a soja atingindo as maiores cotações dos últimos 34 anos. As importações de soja e óleo de soja aumentaram 81% nos primeiros dez meses do ano, numa tentativa do governo de reduzir os preços dos alimentos, sejam os de consumo direto da população, sejam as rações para animais.

A inflação na China voltou a crescer e atingiu o recorde histórico de 6,5% em outubro – o mesmo de agosto, a maior taxa nos últimos 11 anos – pressionada pelos aumentos nos preços dos alimentos, que subiram em média 17,6%. No acumulado do ano, segundo o Índice de Preços ao Consumidor (IPC) medido pelo Escritório Nacional de Estatísticas, o IBGE chinês, a inflação acumula uma alta de 4,4% este ano, bem acima da meta de 3% fixada pelo governo.

Em setembro, quando o índice de inflação recuou para 6,2%, as autoridades se apressaram em dizer que a situação estava sob controle e que os preços tenderiam a recuar a partir de então, negando, mais

Mercados aquecidos

Pressionadas pela entrada da safra 2007/08 dos EUA no mercado, as cotações internacionais de soja e milho ainda encontram, na forte atuação de fundos de investimentos, suporte para continuar bem acima de suas médias históricas. A sustentação se espalha pelas *commodities* em geral, inclusive as não-agrícolas, como, sobretudo, o petróleo, com grande influência sobre o milho, matéria-prima do etanol americano.

Com contágio similar, o trigo negociado em Chicago apresenta a maior variação positiva nos últimos doze meses, fortemente impulsionada pela prolongada estiagem na Austrália, uma maior demanda mundial, baixos níveis de estoques e oferta mais reduzida. Há ainda o custo do transporte por causa do aumento dos preços do petróleo. A consequência é uma inflação no preço do pão em muitos países.

Por conta desse cenário, as exportações brasileiras de milho serão recordes e próximas a 10,0 milhões de toneladas neste ano. O cereal destacou-se até mesmo no segundo semestre, quando tradicionalmente a exportação de soja é mais forte. As perspectivas são positivas para o preço e a pressão nos custos de produção de aves e suínos será bem forte. Para abastecer a Região Nordeste, cresce a pressão para a liberação das importações de grão transgênico.

Para a soja, o horizonte mundial é a produção superar o consumo, o que não ocorreu nas últimas três safras. O preço do grão está em alta desde o segundo semestre do ano passado, próximo dos US\$ 11 por bushel.

No trigo, o preço dos contratos futuros apontam elevação ao longo do primeiro trimestre do próximo ano, sempre acima de US\$ 8 por bushel. Além disso, os estoques devem decrescer ao nível de 100 milhões de toneladas, o que, a se confirmar, será o menor dos últimos 29 anos.

A alta do preço do petróleo puxou a demanda por etanol de milho. Entre 2006 e 2008, os Estados Unidos destinarão ao etanol um volume de milho quase equivalente a todo o comércio mundial da *commodity*. A safra americana deve ser 26% maior em 2007 que no ano passado e atingirá um volume recorde. Uma safra recorde também é esperada na América do Sul e no México.

Conclusão

Na esteira dos grãos e do etanol, diante de uma conjuntura excepcional, a pecuária também apresenta aquecimento de preços, com pressão de custo e demanda adicional por proteína animal. Por sua vez, as culturas perenes mostram uma tendência de firmeza de preços. A laranja, apesar dos problemas de negociação na cadeia produtiva possui oferta limitada. O café, com saldo de produção e demanda negativo, apresenta queda nos estoques.

uma vez, que a economia estivesse atravessando uma fase de superaquecimento. Mas, os indícios de um impacto inflacionário do crescimento chinês parecem irrefutáveis. Afinal, o Índice de Preços ao Produtor (IPP), que mede a inflação no atacado, cresceu 3,2% em outubro, o maior aumento dos últimos nove meses.

Enfim, muitos desafios aparecem no horizonte de curto prazo da agricultura.

A busca de tecnologia e a conquista de maior produtividade continuam a fazer parte de uma batalha incessante das cadeias produtivas. A população continua a aumentar e a melhoria da renda incrementa o consumo de alimentos. A questão do biocombustível também exige uma resposta rápida. O Brasil terá um papel importante no novo cenário mundial do sistema de alimentos, fibras e energia. ■